

**INSTITUTO
FEDERAL**
Minas Gerais

Campus
São João
Evangelista

Guia

Antropológico III

Virginópolis

São Pedro do
Suaçuí

Paulistas

Correntinho

Guanhães

Comercinho

Teófilo Otoni

São João Evangelista

São José
do Jacuri

Peçanha

Sabinópolis

Cantagalo

2022

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS - IFMG
CAMPUS SÃO JOÃO EVANGELISTA - SJE**

**COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA**

Comitê Científico (Avaliação/Revisão)

Giuslan Carvalho Pereira

José Fernandes da Silva

Marcelo Augusto Filardi

Rejane Valéria Santos

Sérgio Felipe Abreu Britto Bastos

Wálmisson Régis de Almeida

Organizadores

Sandra Regina do Amaral

Débora Marques Ferreira Araújo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G943 Guia Antropológico III [recurso eletrônico] / Sandra Regina do Amaral; Débora Marques Ferreira Araújo (org.). – São João Evangelista, MG: Instituto Federal de Minas Gerais *campus* SJE, 2022.

39p.; il. color.

E-book, no formato PDF.

ISBN 978-65-5876-169-3

1. Cultura. 2. Patrimônio Material. 3. Patrimônio Imaterial.
I. IFMG SJE. II. Amaral, Sandra Regina do. III. Araújo, Débora
Marques Ferreira. IV. Título.

CDD 306

CDU 316

Catalogação: Rejane Valéria Santos - CRB-6/2907

Prefácio

“Minas são muitas”, já dizia o saudoso escritor Guimarães Rosa. Percorrer as páginas deste Guia Antropológico nos faz perceber isto. A viagem começa em Cantagalo onde a “Cachaça Pinissilina” promete curar todos os “males”. Mas cuidado! Beba com moderação. Seguindo a rota, chegamos ao distrito de Correntinho, na cidade de Guanhães/MG, onde a matriarca, dona Aparecida, convida-nos a deliciar os seus quitutes. Habilidade esta que foi passada para as mulheres da família e do distrito através de gerações como, por exemplo, Dona Nadir Euzébio, mais conhecida como Dudu, que hoje produz e distribui “as quitandas da Dudu” nos supermercados da região.

Chegando ao município de Paulista, na Mesorregião do Vale do Rio Doce, a Biblioteca Pública Municipal, além de possuir um vasto acervo, estimula competições literárias entre o público de várias faixas etárias. Merece destaque a sua Bibliotecária que, em sua atuação, há mais de quinze anos à frente da promoção do saber, diz muito da sua potência. Em Peçanha, o patrimônio natural Parque Mãe D’água dispensa apresentações. Sem dúvida, é um convite a conhecer esse pedaço de natureza, que possui fontes de água potável e uma biodiversidade preservada. No Paço Municipal de Peçanha, o acervo fotográfico é uma viagem no tempo.

Direcionando para Sabinópolis, precisamente no lugarejo chamado de Córrego Santo Antônio, encontramos Dona Terezinha, mulher de atitude e de fé, que educou mais de cinquenta crianças da região na década de 1970. Em São João Evangelista, a insubmissa Olinda fugiu do colégio de freiras em Conceição do Mato Dentro (MG) e disse “não” a dois casamentos arranjados a seu contragosto. Foi nos braços no amigo Artur que encontrou o amor e construiu sua família. Ela não deixou que escolhessem por ela, ela mesma trilhou o seu próprio destino. No povoado de Bom Jesus da Canabrava, mais conhecido como Comercinho (distrito de São João Evangelista), a antiga Escola Rural promove a educação de cultura popular e técnicas de preservação. Em São José do Jacuri, as festas típicas “Padroeiro São José” e “Jacuriense Ausente” demonstram aspectos da cultura local. Em São Pedro do Suaçuí, o rio que dá nome ao lugar está raso e poluído. Todavia, o antigo moinho e o sentimento de pertencimento dos moradores locais transformam esse lugar pitoresco em parada obrigatória para quem visita a região. Chegando em Teófilo Otoni, a Feira Internacional de Pedras Preciosas expõe o trabalho do pedrista Aroldo Mariniello. A cidade é conhecida como a capital das pedras preciosas. Em Virginópolis, última parada deste Guia, a Escola Estadual Nossa Senhora do Patrocínio promove a educação há mais de cem anos.

Este Guia Antropológico, organizado pelas docentes Sandra Regina do Amaral e Débora Marques Ferreira Araújo, além de ser uma importante fonte informativa para quem visita as cidades dos Vales do Mucuri e Rio Doce, promove uma educação participativa e integrativa, uma vez que as pesquisas e os verbetes são pesquisados e escritos por acadêmicos/as do curso de Biologia do Instituto Federal de Minas Gerais – Campus São João Evangelista. Belo trabalho, que não renuncia ao rigor científico, mas que de uma forma leve nos conduz numa viagem por esse pedaço das “muitas” Minas...

Vamos viajar?

Kátia Franciele Corrêa Borges
Doutora em História

Professora Visitante Campus São João Evangelista (2022)

Apresentação

Aprendemos com um homem sábio, que se eternizou por suas ideias, que “não há saber mais ou saber menos, há saberes diferentes”. Assim, imbuídas do pensar de Paulo Freire organizamos esta obra que vem trazer evidências do quanto os estudantes que chegam ao Instituto Federal de Minas Gerais *Campus São João Evangelista* para cursar o ensino superior vêm somar e contribuir para a grandeza dos processos de aprendizagens aqui desenvolvidos.

Agradecemos a todos os envolvidos por compartilharem conosco seus saberes e nos apresentarem a alguns dos heróis e heroínas destas Minas Gerais, pessoas que com seus fazeres foram escrevendo a história de nosso povo.

História esta que, por meio de estudo etnográfico, toma forma nas mãos dos Licenciandos em Ciências Biológicas e Licenciandos em Matemática e que se encontra aqui organizada em onze capítulos que trazem um pouco das vivências de nossos educandos e da cultura de dez cidades.

Enquanto pesquisadores, os licenciandos tiveram a liberdade de se organizar em grupos e de escolher um tema relacionado ao patrimônio histórico, cultural e/ou ambiental de um município, sendo esta uma atividade que compõe a disciplina Antropologia da Educação. Assim, este e-book, *Guia Antropológico III*, representa uma proposta de acolhimento e de estímulo aos futuros docentes recém-chegados a esta instituição, para que, conscientemente, tenham orgulho de suas histórias e saberes, e as tomem como uma base sólida para a construção de nossos saberes.

Débora Araújo e Sandra Amaral
Organizadoras



Sumário

Cantagalo	04
Guanhães – Correntinho	07
Paulistas	10
Peçanha	13
Sabinópolis – Córrego Santo Antônio.....	16
São João Evangelista	19
São João Evangelista – Comercinho	22
São José do Jacuri	25
São Pedro do Suaçuí.....	28
Teófilo Otoni	31
Virginópolis	34
Considerações Finais.....	37
Índice Remissivo.....	38

Cantagalo

Cachaça Pinissilina, tradição e sabor!

Há mais de seis décadas no mercado, a cachaça Pinissilina vem, desde a década de 50, conquistando o paladar dos amantes dessa bebida derivada da cana-de-açúcar. Sua produção foi iniciada pelo fazendeiro Agenário Dias de Almeida, na Fazenda São Bento, em Cantagalo/MG. Após seu falecimento, a cachaçaria foi gerida pela esposa Nenca e por Mazico, filho do casal.

Posteriormente, após o falecimento de Mazico, Neneca ficou responsável pela fábrica e a mantém em funcionamento até os dias de hoje com o apoio de seu filho Marciano.

O nome da marca foi inspirado no medicamento Penicilina, que iniciou a produção como uma promessa de revolução na medicina.

Nesse sentido, como os apreciadores da cachaça consideravam-na um remédio, a “curadora de todos os males”, ela levou o apelido do antibiótico, sendo, então, registrada graficamente como Pinissilina.



Imagem 2: Gerações da família Almeida (2022)
Foto: Letícia M. Claudino



Imagem 1: Cachaça Pinissilina tradicional (2022)
Foto: Letícia M. Claudino

¹ Licencianda em Ciências Biológicas. IFMG *Campus* São João Evangelista. Email: leticia_mclaudino@hotmail.com

² Licencianda em Ciências Biológicas. IFMG *Campus* São João Evangelista. Email: valdeane_23@hotmail.com

A produção

Durante visitação à Fazenda São Bento, Marciano relatou que é necessário cerca de 800 litros de garapa para 150 litros de cachaça e explicou o processo de produção, que se dá por diversas etapas até o produto final.

Tudo tem início na moagem da cana. Em seguida, o caldo é armazenado em dornas de inox onde irá fermentar por aproximadamente 15 horas. Após essa etapa, esse produto é transferido para panelas de cobre para dar início, de fato, à produção da cachaça. Acontece, então, o processo de destilação no qual a cachaça é separada e direcionada aos reservatórios.

A reserva da bebida na fábrica Pinissilina é feita em tonéis de inox ou de madeira (Ipê, Bálsamo e Carvalho), que definem os sabores e características de cada uma. A cachaça armazenada nos tonéis de inox dá origem à cachaça branca, que mantém o sabor original. A cachaça mantida nos tonéis de madeira passa por um processo de envelhecimento da seguinte forma: a conservada no Ipê possui coloração amarelo-clara; a do Bálsamo, uma coloração amarelo-escura e a do Carvalho, uma cor amarronzada.

O processo de envelhecimento da cachaça Pinissilina tradicional (branca e Ipê) é de no mínimo 2 (dois) anos; o da *Premium (Blend* de Ipê e Bálsamo) tem esse tempo quadruplicado, ou seja, 8 (oito) anos de envelhecimento. Esse *blend* diferencia a Pinissilina das demais cachaças, dando-a uma característica única.



Imagem 3: Dornas de inox (2022)
Foto: Acervo pessoal da Família Almeida



Imagem 5: Tonéis de envelhecimento (2022)
Foto: Letícia M. Claudino



Imagem 4: Panelas de cobre (2022)
Foto: Acervo pessoal da Família Almeida

Reconhecimento da Cachaça Pinissilina



Imagem 6 e 7: Cachaça Especial *Blend*
(Reserva em Carvalho e Bálamo)
Foto: Letícia M. Claudino

A cachaçaria da fazenda São Bento segue sua tradição levando seu sabor e qualidade pelo país, e a cachaça Pinissilina amplia seu reconhecimento a cada premiação.

As últimas premiações com medalha de ouro aconteceram em Belo Horizonte, no Expocachaça, em 2020, com a cachaça envelhecida no Ipê; e em 2021 e 2022, com a cachaça *Blend Especial*.

Imagem 8: Marciano e Neneca
Foto: Letícia M. Claudino

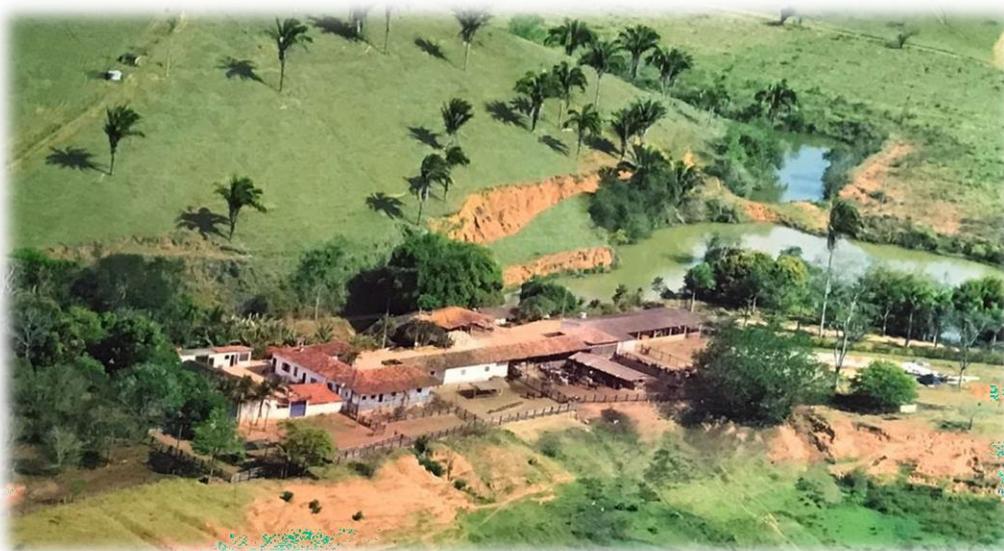


Imagem 9: Fazenda São Bento
Foto: Acervo pessoal da Família Almeida



Imagem 10: As autoras, Valdiane e Letícia,
em visita e estudo na Cachaçaria (2022)
Foto: Acervo pessoal das autoras

Guanhães - Correntinho

Evellyn Rúbia Cardoso³
Patrícia Borges Silva⁴
Patrick Generoso Sobrinho⁵

Sabor passado por gerações!

O distrito de Correntinho, da cidade de Guanhães/MG, é cheio de tradições e de comidas deliciosas, como as quitandas caseiras que muitas famílias produzem para consumo próprio. Entre elas, podemos destacar a família Cardoso. Já outras famílias, fabricam para a comercialização, como é o caso da Dona Nadir.

A família Cardoso...

Dona Aparecida Cardoso, matriarca da família Cardoso, fabrica as quitandas para consumo próprio e aprendeu a fazê-las no seu serviço. Ela conta que aos 12 anos foi morar com sua patroa e que lá permaneceu até os 18. Ela lembra que sua patroa não gostava de ensinar como fazia as quitandas, mas como ela ajudava, ia anotando o que a patroa mandava colocar na receita e depois treinava na casa de seus pais e, assim, foi se aperfeiçoando.

As quitandas têm um valor sentimental para dona Aparecida, pois compõem suas lembranças de infância. Ela relata saudosa que era uma euforia quando tinha quitanda em casa. Algumas vezes, as iguarias eram produzidas pela mãe na fazenda, outras compradas por seu pai que ia para a Conferência de São Vicente de Paula e comprava as quitandas em tabuleiros de janela. Dona Aparecida diz que se sentia gulosa, pois quando seus pais chegavam, ela escolhia sempre o maior pão de queijo.



Imagem 11: Dona Aparecida, ao centro, acompanhada à esquerda por sua nora Fátima e à direita por sua filha Cristina (2022)
Foto: Evellyn R. Cardoso

Filha de Dona Aparecida, Cristina também tem boas lembranças. Detalha que quando sua mãe fazia quitandas, suas colegas iam dormir na sua casa e, à noite, elas levavam os biscoitos para o quarto. No dia seguinte, restavam apenas os farelos. Ela aprendeu a fazer quitandas com sua mãe e hoje produz para consumo de sua família e para compartilhar com suas visitas.

³ Licencianda em Ciências Biológicas. IFMG *Campus* São João Evangelista. Email: evellynrubia99@gmail.com

⁴ Licencianda em Ciências Biológicas. IFMG *Campus* São João Evangelista. Email: borgespatricia.pbs@gmail.com

⁵ Licenciando em Ciências Biológicas. IFMG *Campus* São João Evangelista. Email: trick.estudos@gmail.com



Cristina conta que hoje a situação melhorou bastante, pois antigamente, ela e seus irmãos passavam o dia buscando gravetos e indo à casa de fazendeiros para buscar soro (que era usado no lugar do leite) para Dona Aparecida fazer as quitandas. Detalha que a gordura substituía a manteiga e que as receitas eram alteradas conforme condições de acesso aos ingredientes.

Relata que naquela época era difícil o acesso à matéria-prima das quitandas, por isso, era mais difícil tê-las nas mesas. Então, havia uma grande expectativa para degustar as rosquinhas, biscoitos e bolos. Nos dias atuais, a expectativa e empolgação das pessoas mudou muito, pois a quitanda já não é tão valorizada como antigamente.

Fátima Cardoso, nora de Dona Aparecida, também afirma que antigamente era muito difícil ter quitandas e que era uma alegria para a criançada. Lembra que quem fazia as quitandas quando pequena era sua avó, que morava ao lado de sua casa. Os terreiros eram unidos e assim que sua avó acabava de tirar as quitandas do forno, ela e suas irmãs corriam para olhar e torciam para ter caído algum biscoito das assadeiras para elas comerem.

Fátima também aprendeu a fazer as quitandas com Dona Aparecida, que era sua vizinha antes mesmo de ser sogra. Ela mesma fez seu forno à lenha e, em virtude da idade de Dona Aparecida, hoje produz para toda família.

Imagens 12, 13 e 14:
Quitandas produzidas por Fátima (2022)
Foto: Evellyn R. Cardoso



Imagem 15: Forno de Fátima,
construído por ela mesma (2022)
Foto: Evellyn R. Cardoso

Quitandas caseiras da Dudu...

Dona Nadir Euzébio, mais conhecida como Dudu, natural de São Pedro do Suaçuí, passou a morar em Correntinho no ano de 2011 e logo começou a fazer pão de queijo para seu filho vender na rua. Com o passar dos anos, começou a produzir também rosquinhas e rosca fofa.

Ela conta que aprendeu a fazer as quitandas com sua mãe quando ainda era criança. Detalha que ela lhe dava uma assadeira e bolinhas de massas para enrolar. Ela enrolava no banco onde todos sentavam e sua mãe dizia: “Coloca essas que você enrolar nessa assadeira, que só você que vai comer essas!”.

Hoje ela comercializa para vizinhos, supermercados e padarias de São João Evangelista e de sua cidade natal. Comenta que de dois em dois meses produz também para uma moça de São Paulo, que conheceu suas quitandas no supermercado da sua cunhada em São João Evangelista.



Imagem 16: Quitandas da Dudu em exposição para comercialização em um supermercado de São João Evangelista (2022)
Foto: Evellyn R. Cardoso

Atualmente, ela usa, diariamente, aproximados 12 kg de trigo e tem uma produção semanal de 200 pacotes de rosquinha e 50 pacotes de rosca fofa; faz ainda tarequinho, quebra-quebra e segue com muito orgulho o seu trabalho de quitandeira.

Imagens 17, 18 e 19: Quitandas caseiras da Dudu e sua etiqueta de identificação (2022)
Foto: Evellyn R. Cardoso



Paulistas

Atadolfia Noelia Carvalho dos Santos⁶
Camila Vitória Silva de Carvalho⁷
Fabrício Rocha Farias⁸
Izabela dos Santos Felipe⁹

Leitura aprimorando saberes.

Paulistas é um município do estado de Minas Gerais com população estimada em 2021 de 4.794 habitantes¹⁰. Pertence à Microrregião de Guanhanes e à Mesorregião do Vale do Rio Doce.

Ainda no século XVI, a cidade era ponto de passagem de bandeirantes e tropeiros vindos de São Paulo. Em 1876, o governo da então Província de Minas Gerais o reconheceu como Distrito de São José dos Paulistas. Em 1938, o lugarejo teve seu nome simplificado para Paulistas, tendo sido emancipado e reconhecido como município em 1953. Assim como as cidades ao seu redor, tem sua economia voltada para a agropecuária, destacando-se na produção de queijos¹¹.

A região possui matas bastante preservadas, tendo como principais lugares de visitaçao a Gruta do Lourdes, o Bosque Raimundo e a Cachoeira de Geraldo Miranda.

A festa de aniversário da cidade é comemorada no dia 12 de dezembro e a cidade se destaca também pela comemoraçao anual de Reveillon, com shows nos dias 30 e 31 de dezembro.



Imagem 20: Visão Panorâmica de Paulistas (2022)
Foto: Atadolfia Noelia

⁶ Licencianda em Ciências Biológicas. IFMG *Campus* São João Evangelista. Email: atadolfanoelia@gmail.com

⁷ Licencianda em Ciências Biológicas. IFMG *Campus* São João Evangelista. Email: camilamatos2605@gmail.com

⁸ Licenciando em Ciências Biológicas. IFMG *Campus* São João Evangelista. Email: friciofarias@gmail.com

⁹ Licencianda em Ciências Biológicas. IFMG *Campus* São João Evangelista. Email: izabelafelipe535@gmail.com

¹⁰ IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/paulistas.html>

¹¹ PMP. Prefeitura Municipal de Paulistas, 2022. Disponível em: <https://paulistas.mg.gov.br/historia/>

Biblioteca Pública Municipal de Paulistas



Imagem 21: Interior da Biblioteca Municipal de Paulistas (2022)
Foto: Atadolfá Noelia

Segundo Elizabeth Aparecida Pereira Barbosa, bibliotecária do espaço, em 1 de Junho de 1991, a Biblioteca Municipal de Paulistas desmembrou-se da escola que fazia parte e tornou-se pública. Recebendo doações de diversas caixas de livros, começou a fazer história e marcar a vida da população leitora da cidade. A ideia começou quando surgiu um projeto do governo chamado "Construindo uma Minas leitora", que tinha como objetivo criar pelo menos uma biblioteca em cada município. Localizada na Rua Bias Fortes, número 30, centro de Paulistas, a biblioteca leva diversas experiências e projetos que incentivam a leitura, tanto em crianças e jovens quanto em adultos.

Destaca-se entre os projetos a Premiação do Leitor, que consiste em premiar as crianças pelo que já leram e, ao mesmo tempo, instigá-los a cultivar a leitura, com intuito de conquistar mais prêmios, criando assim uma disputa produtiva. A premiação acontece em eventos na Biblioteca, como a festa das crianças. Durante a premiação, além de presentes, são dados livros, sendo mais uma maneira de incentivar a leitura.

Também foi desenvolvido um projeto chamado "Leitura às cegas" que foi inspirado em trocas de ideias que acontecem no Grupo das Bibliotecas de Minas Gerais. Esse projeto tem como objetivo mostrar ao leitor os livros que ficam parados nas prateleiras, que quase não são lidos, tidos como "sem importância" ou, popularmente falando, "julgados pela capa".

Esses livros são envelopados e sorteados, o leitor pega o seu, leva para casa e abre. Somente nesse momento descobrirá qual livro é.

"Quem não tem gosto pela leitura hoje em dia não tem visão do mundo" (Elizabeth Barbosa).

Elizabeth ainda comenta que trabalhar na Biblioteca Pública Municipal de Paulistas é prazer, lazer e alegria. Ela trabalha lá há 15 anos e tem amor pelos livros. Acompanhou desde quando foi fundada e fez parte da organização de tudo desde o início, quando chegaram ainda as primeiras caixas. A bibliotecária conhece toda a trajetória e sente alegria em criar projetos.

A Biblioteca Luiz de Bessa, que fica em Belo Horizonte, foi referência para a Biblioteca Pública Municipal de Paulistas. Lá encontram-se livros de pesquisa, romances, científicos, leis, livros infantis e em braille. É possível encontrar também livros de caráter bibliográfico, catálogos, filosofia em geral, religião, mitologia, ciências sociais, filologia e línguas, como inglês, alemão, espanhol, francês e língua portuguesa.

A biblioteca abriga livros de escritores de São João Evangelista, Rio Vermelho, Serro, Coluna e Paulistas, municípios próximos. Além disso, possui exemplares que contam várias histórias de Minas Gerais.



Imagem 22: Fachada da Biblioteca Municipal de Paulistas (2022)
Foto: Atadolfia Noélia

Peçanha

Parque Mãe D'água: um local onde se valoriza a preservação

O patrimônio natural Parque Mãe D'água, na cidade de Peçanha, foi criado pelo Dr. Simão da Cunha Pereira, um chefe executivo, e pelo Cel. Marcelino Batista de Queiroz, em 1896. O parque tem três nascentes com fontes de água potável, trilhas pelas matas e brinquedos para crianças. Além de auxiliar no abastecimento de água da cidade, o recinto é um lugar de lazer e tem uma grande área preservada com uma admirável grandeza ambiental.

Ao chegar no Parque Mãe D'Água, logo na entrada, o visitante se depara com uma linda queda d'água construída por cima de uma escada. Apesar da interferência antrópica existente ali, nessas construções, é notório observar a grande preservação ambiental à qual o parque encontra-se submetido, como na mata que o cerca e nos tanques e diques que ali estão.

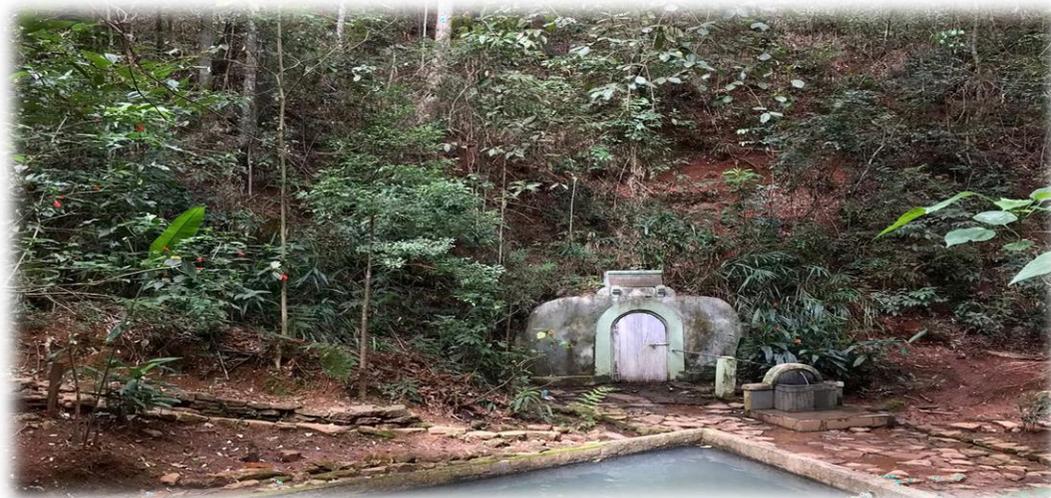


Imagem 23: Tanque do parque (2022)
Foto: Acervo de Raíssa Vichthória



Imagem 24: Parque Mãe D'água (2022)
Foto: Acervo de Raíssa Vichthória

¹² Licencianda em Ciências Biológicas. IFMG Campus São João Evangelista. Email: juliaduartesena61@gmail.com

¹³ Licencianda em Ciências Biológicas. IFMG Campus São João Evangelista. Email: mariaclara.cluz@gmail.com

¹⁴ Licencianda em Ciências Biológicas. IFMG Campus São João Evangelista. Email: mari2003aissa@gmail.com

¹⁵ Licencianda em Ciências Biológicas. IFMG Campus São João Evangelista. Email: raissavichthoria@live.com

Além disso, o ambiente é dotado de uma longa estrada de terra cercada por vegetação dos mais diversos tipos, como árvores com longas copas fechadas que trazem sombra para os turistas que adentram ali.

Também é possível observar a existência de uma bela fauna, como borboletas e joaninhas, impossível de não encantar os olhos. Pegando a estrada de terra, ao final, em uma íngreme subida, encontra-se um extenso campo de futebol para lazer e divertimento dos habitantes e visitantes.



Imagem 25: Queda d'água do parque (2022)
Foto: acervo de Raíssa Vichória



Imagem 26: Trilha no parque. (2022)
Foto: acervo de Raíssa Vichória

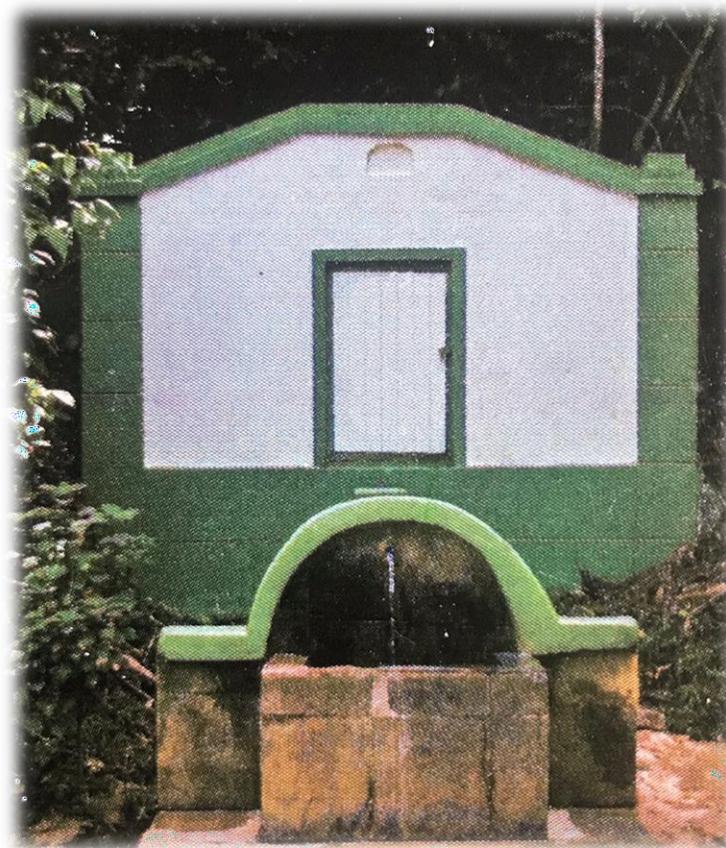


Imagem 27: Fonte de água do parque (2022)
Foto: acervo de Raíssa Vichória

É possível conhecer também um pouco mais do Parque e sua história visitando o Paço Municipal (Casa da Cultura). Além do museu, o paço também abriga a Biblioteca Pública da cidade, o Departamento de Educação e Cultura e o Centro de Informação ao Turista. Ademais, o espaço também promove diferentes projetos e festividades típicos de Peçanha, constituindo-se como um importante patrimônio histórico-cultural para os habitantes da cidade.

Imagem 28: Imagem antiga do Parque Mãe D'água (2022)
Foto: Acervo de Raíssa Vichória



Na visita, é possível conhecer a história do Paço Municipal de Peçanha. Ele foi construído durante o século XIX, procurando seguir o modelo dos casarões da cidade de Diamantina, um município do estado de Minas Gerais. Nessa época, o estilo europeu exercia uma grande influência no Brasil, fazendo com que esse conceito inspirasse a construção das moradias. Uma delas foi a casa comprada pela Prefeitura, sendo a sua sede até a década de 1970 e, atualmente, transformada em Casa da Cultura.

Durante a visita, o guia apresenta vários itens, entre eles, peças e artigos que contam a história de Peçanha, como uma parede repleta de retratos dos antigos prefeitos e quadros com moedas antigas. Logo mais à frente, vê-se uma máquina que produzia os jornais da cidade, evidenciando a imprensa já extinta ali. Durante a visita, é possível conhecer a história dos tropeiros e dos indígenas Botucatus, que habitaram a região por muitos anos. Também se pode ver prova de desfiles de carnavais. Toda essa história registrada em fotos da época.

Ao entrar no andar de cima, é possível ter acesso a uma sala com vários instrumentos antigos tais como panelas de barro e ferramentas usadas pelos tropeiros, como as selas e suas vestimentas. Ademais, estão expostas também as cadeiras das escolas de antigamente, com uma estrutura bem diferente da atual.



Imagem 29: Retrato de pessoas influentes na história de Peçanha
Foto: Acervo de Raíssa Victória



Imagem 30: Cômodo com alguns artigos literários (2022)
Foto: Acervo de Raíssa Victória



Imagem 31: Jornal antigo (2022)
Foto: Acervo de Raíssa Victória



Imagem 32: Retratos de algumas pessoas influentes na cidade (2022)
Foto: Acervo de Raíssa Victória



Imagem 33: Imagens da cidade (2022)
Foto: Acervo de Raíssa Victória

Sabinópolis - Córrego Santo Antônio

Anna Carolina Camargos Pinheiro¹⁶
Lucas Augusto Rabelo de Oliveira¹⁷
Warlen Dionson de Paula¹⁸

Vida e Benfeitorias de Dona Terezinha

Terezinha de Jesus Silva nasceu no córrego dos Tavares, no dia 10 de junho de 1937, em Euxenita, distrito de Sabinópolis/MG. Proveniente de uma família humilde e carente, Dona Terezinha não teve uma infância e juventude fáceis, pois desde pequena, já ajudava a mãe nos afazeres domésticos e no trabalho braçal na roça. Mesmo com as diversas dificuldades que enfrentava, nunca deixou de lado os estudos, muito pelo contrário, sempre foi uma aluna esforçada e dedicada, e que tinha prazer em ajudar seus colegas que apresentavam certas dificuldades com o aprendizado. O seu interesse pelo estudo era tanto, que aos 17 anos já era chamada para dar aulas particulares no povoado de São Domingos, zona rural do município de Sabinópolis/MG.



Imagem 34: Moinho de Dona Terezinha (2022)
Foto: Anna Carolina C. Pinheiro



Imagem 35: Alambique do Sr. Coracy (2022)
Foto: Anna Carolina C. Pinheiro

No ano de 1958, aos 21 anos de idade, conheceu o Sr. Coracy Gomes da Silva, com o qual se casou e comprou um terreno no córrego Santo Antônio. O local era relativamente espaçoso e lá construíram uma casa simples. A partir de uma ideia do Sr. Coracy, eles também construíram um alambique no local, onde iniciaram a fabricação de rapadura e a destilação de cachaça. O lugar também recebeu um moinho, no qual Dona Teresinha fabricava, através do milho colhido em sua roça, a famosa “Farinha de Vó”, conhecida na região e que, até os dias atuais, é fabricada pela própria Dona Terezinha. Ambas as atividades serviam como principal fonte de renda e de sustento familiar. Nesse mesmo local, Dona Teresinha teve seus 8 filhos, criando-os com muito amor e carinho.

¹⁶ Licencianda em Matemática. IFMG Campus São João Evangelista. Email: anna.camargo@hotmail.com

¹⁷ Licenciando em Matemática. IFMG Campus São João Evangelista. Email: lucasardoliveira@gmail.com

¹⁸ Licenciando em Matemática. IFMG Campus São João Evangelista. Email: warlen.asd39@gmail.com

Mesmo após construir sua família e por mais que faltasse tempo, Dona Teresinha nunca perdeu o amor por ensinar. Um exemplo que podemos citar é em sua comunidade Córrego Santo Antônio que, naquela época, não tinha uma escola para alfabetização das crianças e jovens. Sabedora disso, Dona Teresinha, com seu espírito de liderança e com vontade de ensinar, teve a ideia de lecionar na comunidade.

No começo, como não havia nenhum ambiente adequado para o estudo, Dona Teresinha era obrigada a improvisar, chegando a dar aulas em um paiol perto de sua casa e, até mesmo, debaixo de árvores.

Sr. Coracy, presenciando todas essas dificuldades enfrentadas pela esposa, tomou a iniciativa de construir um quarto para que ela pudesse lecionar para as pessoas da comunidade. Nesse local, Dona Terezinha chegou a dar aulas para até 50 alunos.

No ano de 1978, o prefeito eleito viu a necessidade de construir uma escola para a comunidade. Nessa mesma visão, o casal fez a doação do terreno para que tal obra fosse executada. Sendo assim, fundaram a Escola Municipal 18 de Setembro, onde ela alfabetizou vários alunos. Boa parte deles, ainda hoje, chamam-na de “minha mestra”, como forma de gratidão. Nessa escola, ela se aposentou em 1988, após 35 anos de serviço.

Vale ressaltar que, além de ser uma pessoa muito ligada à Educação, Dona Terezinha sempre foi uma senhora muito religiosa. Por esse motivo, mesmo não havendo uma igreja em seu povoado, sempre que possível, ela reunia toda a comunidade e fazia as celebrações e missas nas instalações da escola. Com o passar do tempo, a população teve a ideia de construir uma capela. O que ocorreria muitos anos depois.



Imagem 36: Capela da Comunidade construída ao lado da escola (2022)
Foto: Anna Carolina C. Pinheiro



Imagem 37: Escola Municipal 18 de Setembro (2022)
Foto: Anna Carolina C. Pinheiro



Imagem 38: Engenho para a fabricação da rapadura (2022)
Foto: Anna Carolina C. Pinheiro

Dona Terezinha ainda reside no Córrego Santo Antônio com sua família e é muito conhecida no local. Pelo seu jeito sempre alegre de viver, pela sua compaixão e por sua bondade com o próximo, ela é querida por todos que a encontram. Enfim, só nos resta agradecer a Dona Teresinha por ser esse exemplo incrível de pessoa. Esperamos que ela sirva de inspiração para muitas outras gerações.

Imagem 39: Dona Terezinha e seus netos (2022)
Foto: Anna Carolina C. Pinheiro



Em 1979, morreu o Sr. Coracy, deixando uma grande responsabilidade para seu filho mais velho, Antônio, pois foi ele quem ajudou a sua mãe na criação e na educação de seus irmãos mais novos. O primogênito também assumiu a administração do alambique e a fabricação de rapadura, que está em funcionamento ainda nos dias de hoje.

Em 1990, contando com doações de toda a comunidade e, principalmente, com a colaboração de Dona Terezinha que, humildemente, cedeu uma parte do seu terreno (ao lado da escola), a construção da capela teve início.

São João Evangelista

Nesse recanto bucólico, nasceu Olinda!

Olinda Gonçalves Queiroga do Amaral, filha de José Taveira de Queiroga, de Materlândia (MG) e de Julieta Gonçalves Queiroga, de São João Evangelista (MG), nasceu em 24 de junho 1927, a uns seis quilômetros de distância do centro da cidade São João Evangelista, na fazenda Boa Esperança. Em celebração e homenagem aos 90 anos de Olinda, seu segundo filho, Júlio César Borges do Amaral, escreveu um livro contando a história dela e da família.

Quando era ainda recém-nascida, foi batizada pelo Cônego Davino dos Santos Morais, por quem passou a ter uma grande admiração, tanto que até tinha um quadro dele em seu quarto. Os padrinhos foram seu bisavô Coronel Antônio Borges do Amaral e D. Guilhermina Eponina de Souza Amaral.

Na mocidade, além de mostrar-se uma aluna dedicada, manifestou o desejo de ser religiosa e, com isso, foi estudar no convento São Joaquim, na cidade de Conceição do Mato Dentro (MG). Sua madrinha, D. Guilhermina, a presenteou com os tecidos para a confecção dos uniformes; sua mãe e irmã confeccionaram os uniformes e as roupas para o uso diário.

A permanência dela no colégio durou pouco tempo porque, segundo ela, um dia, enquanto rezava, Nossa Senhora lhe deu um sinal de que não tinha vocação para se tornar freira. Diante disso, resolveu fugir. Inicialmente, foi para a casa de D. Arasci (ex-diretora da Escola Estadual Monsenhor Pinheiro), para aguardar condução e retornar a São João Evangelista. No entanto, depois, acabou indo para casa de uns tios na cidade de Belo Horizonte (MG).

João Henrique Sampaio Filho¹⁹
Leila Lorrane Santos Pimenta²⁰
Mariana Isabela de Oliveira Borges²¹
Sarah Renata Amaral Campos²²



Imagem 40: Olinda Gonçalves Queiroga d Amaral (2017)
Foto: Capa do livro “Olinda: história de uma vida - 90 anos”

¹⁹ Licenciando em Ciências Biológicas. IFMG *Campus* São João Evangelista. Email: jhsf12306@gmail.com

²⁰ Licencianda em Ciências Biológicas. IFMG *Campus* São João Evangelista. Email: leilalorrane15@gmail.com

²¹ Licencianda em Ciências Biológicas. IFMG *Campus* São João Evangelista. Email: marianaoliveirabgs@gmail.com

²² Licencianda em Ciências Biológicas. IFMG *Campus* São João Evangelista. Email: srenataac@gmail.com

Foi em 1945, durante essa estada em BH, que Olinda tirou seu primeiro retrato que, posteriormente, foi presenteado ao seu amigo e futuro esposo. No verso do retrato está escrito: “Ao Arthur, toda a amizade, da Olinda”.

Após a sua volta a São João Evangelista e com a aceitação de que não tinha vocação e de que não seguiria como freira, deu início ao “namorico” com Luís Pimenta. A relação não foi adiante. Depois de um tempo, surgiu outro pretendente, o fazendeiro José Pascoal, que queria casar logo, mas ela não aceitou: “Morar na roça, jamais!”, dizia ela.



Imagem 42: Arthur Borges do Amaral
Foto: Acervo pessoal da família

Imagem 43: Arthur Borges do Amaral Júnior, marido de Olinda
Foto: Acervo pessoal da família

Durante o matrimônio, eles foram muito felizes e tiveram 9 filhos. Para ela, “ser mãe era desdobrar fibra por fibra o coração”. Olinda e Arthur permaneceram unidos por 27 anos, até o falecimento dele, por problemas cardíacos, uma consequência da enfisema pulmonar, em 1973.

Observa-se que o nome de Arthur vem sendo perpetuado há três gerações, sendo homenageado pelo filho (marido de Olinda), neto e bisneto.

Foi só depois disso que o amigo Arthur Borges do Amaral Júnior virou seu príncipe encantado. Casaram-se em 19 de novembro de 1946. Nessa época, ela estava com 18 anos e ele, com 23 anos de idade.

Desde seu casamento, Olinda trabalhou na prefeitura, no setor da Secretaria da Fazenda. Mesmo com o trabalho, sempre foi uma mãe e esposa dedicada.



Imagem 41: Primeiro retrato de Olinda (1945)
Foto: Livro “Olinda: história de uma vida...” (p. 59)

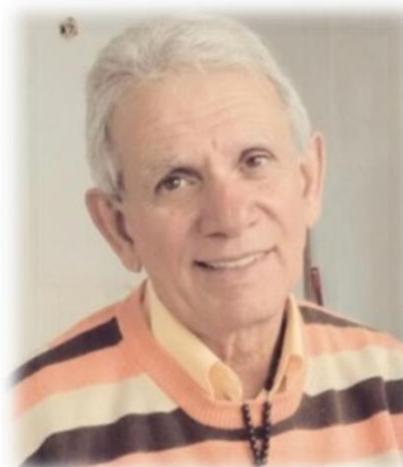


Imagem 44: Arthur Luciano Borges do Amaral, filho de Olinda (2022)
Foto: Acervo pessoal da família



Imagem 45: Arthur Luciano Procópio Borges do Amaral, neto de Olinda (2022)
Foto: Acervo pessoal da família

Quem nos conta mais um pouco dessa história é Sarah Renata Amaral Campos, primeira bisneta de Olinda.

“Sobre essa mulher fantástica, tenho diversos momentos marcantes. Nasci em Sydney, Austrália e com 11 meses de vida, tive o primeiro contato com ela” (Sarah Campos).

Como Sarah morava fora do Brasil com seus pais, de dois em dois anos, vinha se encontrar e ficar com a bisá.

“Gostava tanto da companhia dela que tem um relato de que estava na casa de uns primos e que, enquanto todos estavam distraídos, “fugiu” e fui pra casa dela ficar com ela, minha mãe ficou super brava comigo” (Sarah Campos).

Aos 9 anos, quando voltou a morar no Brasil, Sarah se dividiu entre Belo Horizonte e São João Evangelista, cidade onde mora atualmente.

“Desde que vim pra cá, moro ao lado da casa dela, foram muitos cafés da tarde ao lado de D. Olinda, ajudas em sessões de fisioterapia... Foram momentos incríveis ao lado dela até seu último suspiro, em 02 de fevereiro de 2021, por causas naturais” (Sarah Campos).

Imagem 47: Olinda e Sarah numa sessão de fisioterapia (2020)
Foto: Acervo pessoal da família

Imagem 48: Olinda em seu aniversário de 93 anos (2020)
Foto: Acervo pessoal da família



Imagem 46: Sarah, no colo da mãe, em seu primeiro encontro com a bisá Olinda (2003)
Foto: Acervo pessoal da família



São João Evangelista - Comercinho

Luiz Carlos Anunciato²³
Renolde Rodrigues²⁴
Steffane Lorena Martins da Silva²⁵

Uma boa história não tem preço...

O povoado de Bom Jesus da Canabrava, mais conhecido como Comercinho, faz parte de São João Evangelista, uma cidade do interior de Minas Gerais, pertencente ao Vale do Rio Doce.

As terras confrontantes pertenciam a Maia Júlia e Luís Profiro. Os agregados foram dispensados pelos fazendeiros, que temiam a perda de terras por causa da Lei da Usucapião e receberam lotes doados pela prefeitura. Desse modo, foram construindo com as próprias mãos suas casas de taipa, com enchimento de taquara e barro e cobertura de esteiras. Surgiu assim, com poucos moradores, a comunidade de Comercinho, uma pequena rua cheia de buracos, que hoje é a rua principal.

A igreja da comunidade era de assoalho, coberta de palha e cada Santo tinha um oratório de madeira. A imagem de Bom Jesus foi doada pelo Sr. Profiro. Na época, os párocos da igreja eram Cônego Davino, Cônego Sebastião e Padre Alcides.

A Escola Estadual Dr. Lúcio Vieira, um de seus patrimônios, foi construída em um terreno que pertencia à Igreja de São João Evangelista (Diocese de Diamantina).



Imagem 49: Localização Geográfica Google Earth (2022)
Foto: Renolde Rodrigues

As primeiras aulas da comunidade aconteceram na Igreja. Depois, foi construída uma sala de assoalho, cercada de varanda, onde hoje se encontra a venda do Dão Borges. Na hora do recreio, os alunos iam em casa e tomavam de merenda uma jacuba (café com farinha).

²³ Licenciando em Ciências Biológicas. IFMG *Campus* São João Evangelista. Email: luizanunciato33@gmail.com

²⁴ Licenciando em Ciências Biológicas. IFMG *Campus* São João Evangelista. Email: renolderodrigues26@gmail.com

²⁵ Licencianda em Ciências Biológicas. IFMG *Campus* São João Evangelista. Email: steffanemoura@outlook.com

A Escola era conhecida como Escola Rural e eram os professores e alunos que cuidavam da limpeza. Havia apenas uma professora para todas as séries. Na época, só até a 3ª. Nesse tempo, foram professoras a Nieta do Deco, Mestra Violeta e Dona Conceição. Até 1958, o lugar funcionou como Escola Municipal Coronel João Gualberto Gonçalves. Depois, passou a pertencer à Rede Estadual e denominada Escolas Combinadas de Bom Jesus Estadual da Canabrava, de acordo com o Decreto nº 16.244 de 08 de maio de 1974, com ensino de 1ª à 4ª séries.

Em 13 de março de 1987, o Conselho Estadual de Educação, em caráter excepcional e transitório, autorizou, pelo prazo de um ano, a implantação de turmas de 5ª série que, apesar de serem realizadas nas dependências da Escola Estadual Bom Jesus da Canabrava, estavam vinculadas à Escola Estadual Monsenhor Pinheiro. Ainda em caráter excepcional e transitório, foi autorizado, em 1988, o funcionamento da 6ª série, também vinculada à Escola Estadual Monsenhor Pinheiro.



Imagem 50: Escola Estadual Dr. Lúcio Vieira (1990)
Foto: Acervo da Escola Estadual Dr. Lúcio da Silva



Imagem 51: Apresentação Dia do Folclore (1990)
Foto: Acervo Escola Estadual Dr. Lúcio da Silva

Em 31 de março de 1989, o Secretário da Educação autorizou o funcionamento do 1º grau completo e, a partir de então, a Escola passou a ser independente. Em 26 de setembro de 1990, com o Decreto nº 31.860, passou a ser denominada Escola Estadual Dr. Lúcio Vieira da Silva.

Na escola, eram realizados vários eventos, como a apresentação do Dia do Folclore. Essa festividade era realizada no intuito de demonstrar aos alunos a necessidade de se preservar as histórias e a cultura popular.

Em homenagem aos poetas e como forma de inspiração para que os alunos desenvolvessem o hábito da leitura, outro evento organizado na escola era o Dia da Poesia.

Em celebração ao Dia Mundial da Árvore, realizava-se também, com os alunos, o plantio de mudas. Essa prática visava a sensibilizar os envolvidos quanto à importância da preservação ambiental.

Renolde Rodrigues, ex-aluno de instituição, conta que, em 1997, começou a estudar na Escola Estadual Dr. Lúcio Vieira da Silva, no 1º ano do Ensino Fundamental, e lá permaneceu até a 8ª série.



Imagem 52: Aluna Recitando Poesia (2000)
Foto: Acervo Escola Estadual Dr. Lúcio da Silva

“Considero a escola como um marco na minha vida de estudante, pois me possibilitou uma aprendizagem de qualidade, respeito e muito companheirismo, além de belas amizades” (Renolde Rodrigues).

Imagem 53: Comemoração Dia do Árvore (1995)
Foto: Acervo Escola Estadual Dr. Lúcio da Silva

São José do Jacuri

Tradições e riquezas

Um lugar familiar e acolhedor com população estimada em 6409 pessoas (IBGE, 2021³¹). Foi registrada com esse nome devido à grande quantidade da ave chamada Jacu na região e a comitiva ter chegado no mês de março, consagrado a São José³².

Sr Agostinho Coelho, avô de Isabelle Almeida, conta que na sua época de criança até a adolescência, a cidade era quase um paraíso, uma cidade pequena, com estrada de terra, poucos habitantes e tranquila de se viver. O rio era cheio, as pessoas aproveitavam sua água limpa para lavar roupas nele.

Hoje em dia o rio está bem raso e muito poluído e tem enchentes na época de chuva, já teve até vítimas fatais em épocas de cheia, diz Agostinho, que reconhece que a mudança não foi algo ruim, mas que considera que no tempo dele era bem melhor. Agostinho trabalha atualmente como marceneiro, mas quando mais novo trabalhou como pedreiro. Nessa época ajudou a construir a Igreja, o prédio da Telemig, entre outras obras importantes da cidade.



Imagem 55: Igreja Matriz de São José (2022)
Foto: Isabelle Almeida



Imagem 54: Rio Jacuri (2022)
Foto: Isabelle Almeida

Isabelle Julia Dias de Almeida²⁶
Melissa Metzker Glória Argueles²⁷
Rafaela Guilherme Soares Ribeiro²⁸
Samara Ribeiro Lopes²⁹
Vanessa Rocha Fernandes Ferreira³⁰

²⁶ Licencianda em Ciências Biológicas. IFMG *Campus* São João Evangelista. Email: isabellealmeida366@gmail.com

²⁷ Licencianda em Ciências Biológicas. IFMG *Campus* São João Evangelista. Email: melissa.argueles6@gmail.com

²⁸ Licencianda em Ciências Biológicas. IFMG *Campus* São João Evangelista. Email: rafaelaguilhermesoares200317@gmail.com

²⁹ Licencianda em Ciências Biológicas. IFMG *Campus* São João Evangelista. Email: ribeirolopes1919@gmail.com

³⁰ Licencianda em Ciências Biológicas. IFMG *Campus* São João Evangelista. Email: vanessarocha2016br@gmail.com

³¹ IBGE. São José do Jacuri. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sao-jose-do-jacuri/panorama>

³² COSTA, Janilson do Carmo; CARMO, Maria das Dores do. Das dores... das dores da vida. São Paulo: Livre expressão, 2012.

Festas Típicas: Padroeiro São José e Jacuriense Ausente

Entre as festas típicas, destacam-se a do padroeiro São José e a do Jacuriense Ausente, que reúnem os apaixonados pelas raízes construídas nesse lugar.

Uma das tradições da Igreja Matriz no mês de março é a celebração da novena de São José, o padroeiro da cidade. Na abertura, é realizada uma adoração e o levantamento do mastro com a imagem de São José. Durante os 9 dias, realiza-se uma missa, seguida da celebração da novena. Ao final do último dia, há barraquinhas e leilão na praça.

Nos anos iniciais da emancipação, no mês de julho, era realizada a Festa do Divino. Agora, essa é a tradicional festa do Jacuriense Ausente, que conta sempre com muitas atrações. Entre as apresentações principais, pode-se citar o cantor Sérgio Reis e algumas duplas sertanejas, como Teodoro e Sampaio, Relber e Allan.



Em 2022, na programação do Jacuriense Ausente, viu-se a apresentação teatral “Das dores da vida...”, interpretada por Janilson do Carmo e inspirada no livro escrito por ele e por sua mãe.



Imagem 56: Cartaz de divulgação do Jacuriense Ausente (2022)
Foto: redes sociais da Prefeitura São José do Jacuri³³

Imagem 57: Print do vídeo de divulgação da apresentação da peça “Das dores da vida...” (2022)
Foto: arquivo pessoal de Vanessa Carvalho

³³ Prefeitura São José do Jacuri. Instagram, @prefeiturasijacuri. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CfrGvq8uL05/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

Das Dores... Das dores da vida

por Janilson do Carmo Costa e Maria das Dores do Carmo

O livro é escrito por Janilson do Carmo a partir das memórias de sua mãe Maria do Carmo em sua amada terra natal, uma comunidade na qual trabalhou e edificou sua cultura. Maria das Dores tinha o sonho de registrar suas lembranças para que os mais jovens conhecessem a história do lugar e de seus antepassados, por isso, fez relatos de histórias contadas pelas matriarcas de sua época. Trata-se de um tempo sem rádio ou tv cujo maior entretenimento eram as rodas de conto de “causo”, nas quais as pessoas se reuniam para prostrar. Ela lembra que padre Júlio arrumou um alto-falante para fazer informes, mas que também tocava lindas músicas, como as valsas antigas, e ainda homenageava os aniversariantes do dia.

Maria das Dores fala dos poemas que gostavam de recitar e das peças pregadas dentro e fora da escola. Uma época na qual a solidariedade garantia merenda às crianças da zona rural que não podiam voltar em suas casas para se alimentar no horário do recreio.

Conta sobre a “peça” que o delegado pregou em João Bento, o “Borra botas”. O delegado pediu que João Bento buscasse um balão no cemitério e pediu que dois soldados ficassem escondidos e o assombrassem. Ao ver João Bento descer o morro correndo, todos na praça saíram também. Foi tão assombroso que não só João Bento se assustou, mas todos os que estavam na praça.

O livro ainda expõe vários documentos, entre eles, a carta de admissão de Maria das Dores como servente da escola, assinada por Juscelino Kubitschek.

Prezada Senhora Maria das Dores do Carmo,

Juscelino Kubitschek
JUSCELINO KUBITSCHEK DE OLIVEIRA
GOVERNADOR DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Comprimenta cordialmente e tem a satisfação de comunicar que assinou ato admitindo-a na função de servente das Escolas Reunidas de São José de Jacuri, município de Peçanha.

BHte., 16.6.53.

Imagem 59: Carta de admissão de Maria das Dores
Foto: Livro “Das Dores... Das Dores da vida...”³²

República dos Estados Unidos do Brasil
ESTADO DE Minas Geraes

José Maria da Fonseca
ESCRIVÃO DO JUÍZO DE PAZ E OFICIAL DO REGISTRO CIVIL

Distrito de Jacuri
Município de Peçanha
Comarca de Peçanha

Certidão de Nascimento

CERTIFICO que, sob o N.º 234, a fls. 127/128 do livro N.º 5 de registro de nascimento, encontra-se assento de Maria das Dores do Carmo nascido aos 13 de Maio de 1934 às ... horas e ... minutos, nesta vila de Jacuri, do sexo feminino, de cor clara, filha legítima de Fideles Coelho da Rocha e de Dona Raimunda Dionísia do Carmo sendo avós paternos Ignorado e Dona Ignorada e maternos Ignorado e Dona Ignorada tendo sido declarante Bezar de Barbalho Junior e testemunhas José Fernandes Madeira e José Alves Sobrinho

Observações Registro feito em virtude da Lei 705 de 14 de julho de 1949.

O referido é verdade e dou fé.
Jacuri, Outubro de 1953
D. B. e S. José Maria da Fonseca
O OFICIAL da Fonseca

Imagem 58: Certidão de nascimento de Maria das Dores
Foto: Livro “Das Dores... Das Dores da vida...”³²

São Pedro do Suaçuí

Meu lugar, minha paixão!

Os Índios Botocudos foram os primeiros habitantes da Bacia do Suaçuí Grande, onde hoje se localiza o município. A primeira notícia que se tem sobre a fundação do povoado foi quando o fazendeiro Belarmino Alves de Oliveira doou 17 alqueires de terra para iniciar a construção do vilarejo³⁶.

É um município localizado no Vale do Rio Doce cuja principal fonte de renda é a pecuária de leite. O topônimo originou-se da vontade de Belarmino Alves de Oliveira, que impôs como condição para a doação das terras, que o vilarejo recebesse esse nome, devido a São Pedro e por causa do rio Suaçuí, que banha a cidade. Após receber esse nome, a localidade foi subordinada ao município de Suaçuí.

Ao longo dos anos, a cidade recebeu vários nomes, como Suassuí e Tourinho.

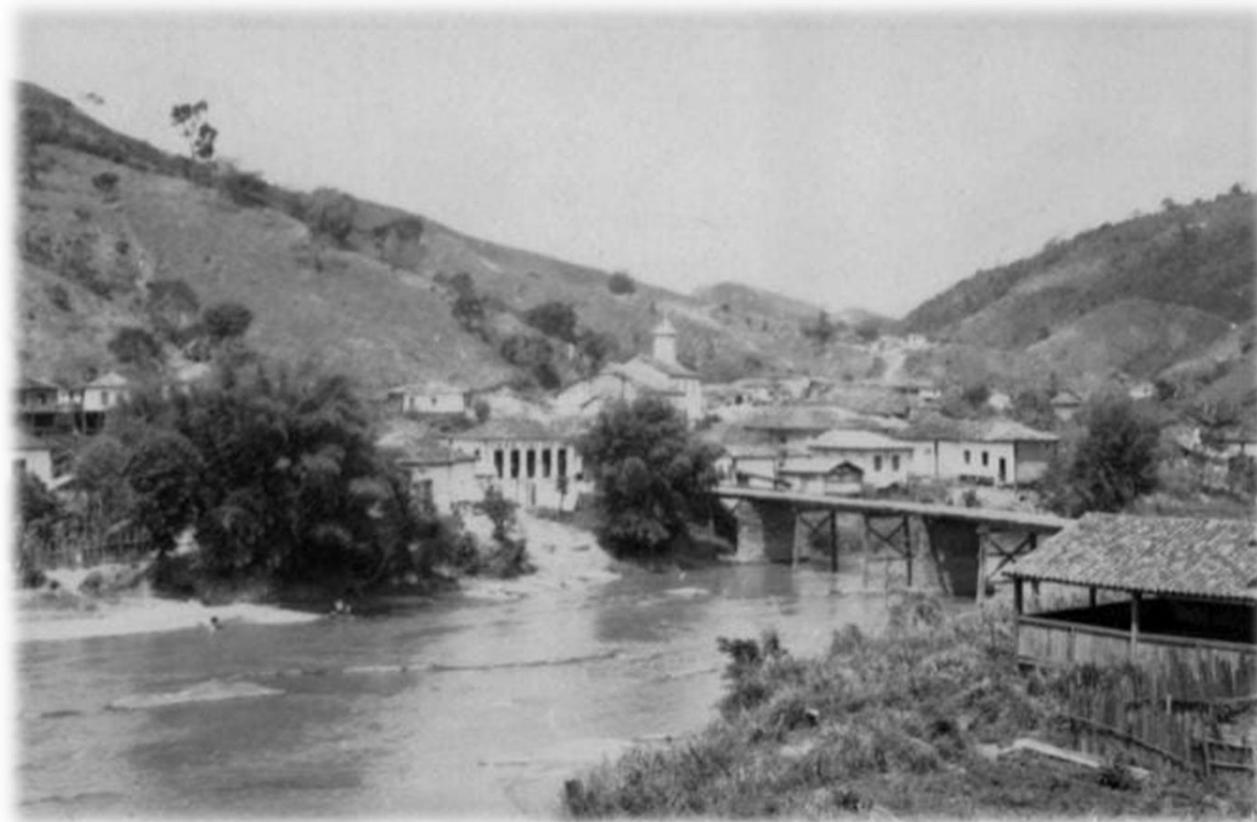


Imagem 60: O povoado (1952)

Foto: Disponível no site da Prefeitura Municipal de São Pedro do Suaçuí³⁶

Com o tempo, alguns representantes da lei conseguiram que seu nome voltasse a ser o de antes e assim continua até hoje. O povoado foi crescendo e se tornando distrito sede com sua divisão territorial datada.

³⁴ Licenciando em Matemática. IFMG Campus São João Evangelista. Email: lucaspmachado16@gmail.com

³⁵ Licencianda em Matemática. IFMG Campus São João Evangelista. Email: mariasouzasps@gmail.com

³⁶ Prefeitura Municipal de São Pedro do Suaçuí. Disponível em: <https://www.saopedrodosuacui.mg.gov.br/cidade>



Imagem 61: Cenas do documentário “Meu Lugar, Minha Paixão” (2021)
Foto: Print do documentário³⁷

É possível conhecer um pouco mais sobre a história dessa bela cidade por meio do documentário “Meu Lugar, Minha Paixão - São Pedro do Suaçuí”. A produção, com 33 minutos de duração, está disponível na rede social da Prefeitura Municipal São Pedro Suaçuí³⁷.

Moinho da Comunidade do Gavião

Movido pelas águas do Ribeirão Sujo, a construção centenária é um espaço de visitação para turistas e moradores locais. A Casa do Moinho fica perto da Cachoeira do Nego Castor, formando um lindo conjunto paisagístico! Recentemente, o poder público municipal realizou um inventário e o moinho foi integrado ao primeiro roteiro turístico de São Pedro do Suaçuí.

As pedras que giram para macerar o milho são chamadas “pedra cristal”, tendo a espessura de 80 centímetros cada uma. Elas foram trazidas da cidade do Serro por meio de transporte animal.



Imagem 62: Casa do Moinho (2021)
Foto: Maria Eduarda Alexandre

³⁷ Prefeitura Municipal de São Pedro do Suaçuí. Documentário. Disponível em: https://youtu.be/l_kuxgh_v4A



Imagens 63 e 64: Pedra cristal do moinho e maceragem do milho (2021)
Foto: Deborah Leão

Nego Castor

O Sr. Geraldo Candido de Souza, o "Nego Castor", hoje aposentado e com 92 anos de idade, tem uma memória invejável. Proprietário que reside na margem do ribeirão, foi responsável pela única reforma do moinho, feita há, aproximadamente, 60 anos. Ele conta que as engrenagens da peça sempre foram usadas para moer milho para vizinhos, familiares e para consumo próprio. Conta ainda que quando se mudou para o lugar, esse equipamento já existia e que nunca parou de funcionar. Seu moinho tem mais de cem anos de funcionamento!

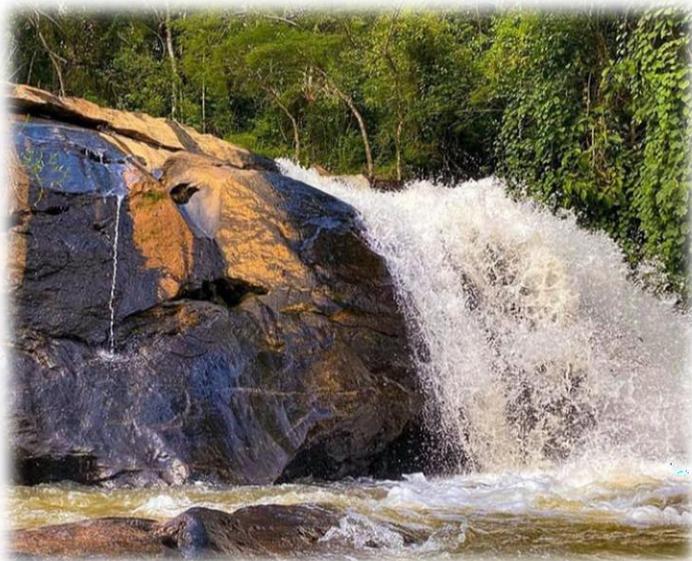


Imagem 65: Cachoeira Nego Castor 2021
Foto: Alexandra Cristina



Imagem 66: Sr. Geraldo Candido de Souza 2021
Foto: Alexandra Cristina

Teófilo Otoni

Capital mundial de pedras preciosas

Essa cidade, localizada no Vale do Mucuri, interior de Minas Gerais, região sudeste do nosso país, recebeu seu nome em homenagem ao fundador Teófilo Benedito Otoni. Ele liderou a Companhia de Comércio e Navegação do Vale do Mucuri. Também foi pioneiro na exploração definitiva de pedras preciosas e transformou a Teófilo Otoni em um centro de grande importância econômica, histórica e cultural na região. A cidade tornou-se a capital mundial das pedras preciosas, sendo considerada o maior centro de lapidação e comercialização do Brasil.

No centro da cidade, existe um espaço reservado para exibição, com diversas variedades, onde é possível conhecer e comprar diversos tipos de pedras, joias, quadros e artesanatos feitos com as mais diversas gemas da nossa região.

Feira Internacional de Pedras Preciosas

Devido a sua grande riqueza em pedras, acontece em Teófilo Otoni, desde 1989, a Feira Internacional de Pedras Preciosas (FIPE). Esse é um evento anual, de caráter comercial, no qual os comerciantes de pedras e lapidários têm a oportunidade de expor os seus produtos.

O evento atrai cerca de 20 mil visitantes de todo o mundo. Na venda, destacam-se pedras preciosas brutas e lapidadas como belos exemplares de berilo, turmalina, água-marinha, topázio, alexandrita, ametista, opala, calcita e outras. Além disso, a feira oferece peças exclusivas para colecionadores, como explica Thalliny Mariniello, pedrista.

Fabíola Mariniello Coelho de Souza³⁸
Mariana Pereira da Silva³⁹



Imagem 67: Pedras brutas (2000)
Foto: Acervo da Família Mariniello



Imagem 68: IV Feira das Pedras Preciosas (1992)
Foto: Acervo da Família Mariniello

³⁸ Licencianda em Ciências Biológicas. IFMG Campus São João Evangelista. Email: casa1ags@gmail.com

³⁹ Licencianda em Ciências Biológicas. IFMG Campus São João Evangelista. Email: marianasilva250304@gmail.com

Aroldo Mariniello (in memoriam)

Aroldo Mariniello, pedrista de Teófilo Otoni, dedicou 30 anos de sua vida a trabalhar no comércio de pedras. Infelizmente, faleceu no ano de 2021, vítima da COVID-19, mas deixou uma herança cultural tão grande que, atualmente, esposa, filhas e neta dão continuidade ao seu trabalho, lutando para que permaneça seu tão grande legado de amor, trabalho e dedicação.

Hoje, além de trabalhar com joias, artesanatos, pedras brutas e lapidadas, que contam a história da cidade, elas também se esforçam, acima de tudo, para deixar marcada a história e a trajetória desse patriarca.



Imagens 69, 70 e 71: Peças decorativas e joias em pedrarias (2022)
Foto: Acervo da Família Mariniello

Imagem 72: Sr. Aroldo Mariniello (2000)
Foto: Acervo da Família Mariniello

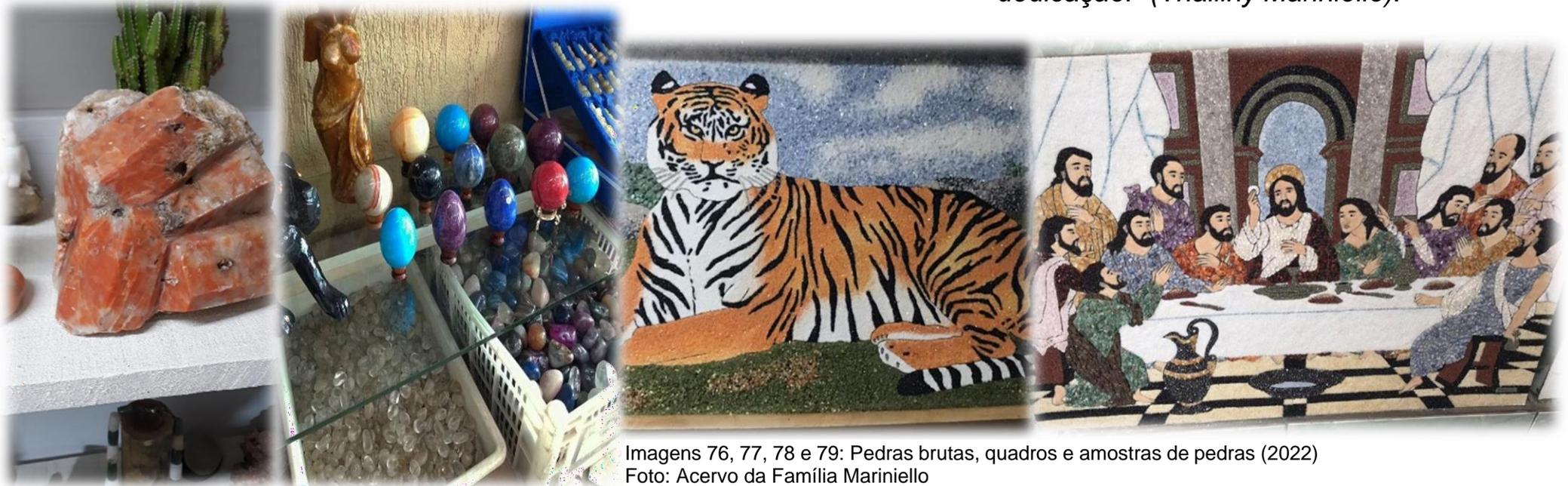


Imagens 73, 74 e 75: Esculturas e joias em pedra (2022)
Foto: Acervo da Família Mariniello

Entre os trabalhos do pedrista Aroldo Mariniello, são comercializadas belas esculturas e joias. Avistam-se ainda quadros feitos de cascalhos de pedra, com diversas variedades em uma única peça; pequenas amostras ovais de ametista, lápis-lazúli, *quartz* verde e calcita laranja e esculturas de *quartz* leitoso e colares de sodalita.

Todas as obras são resultado de um trabalho árduo que, atualmente, é alvo de uma desvalorização recorrente. Como afirma Thalliny Mariniello, neta de Aroldo, a maior dificuldade do trabalho dos pedristas na atualidade é a desvalorização regional. Por esse motivo, todos os anos, os pedristas esperam ansiosos pelo evento da FIPE e pelos períodos com intenso turismo na cidade.

"As obras traduzem e ilustram toda uma vida de trabalho e dedicação!" (Thalliny Mariniello).



Imagens 76, 77, 78 e 79: Pedras brutas, quadros e amostras de pedras (2022)
Foto: Acervo da Família Mariniello

Escola Estadual Nossa Senhora do Patrocínio: “há mais de 100 anos fazendo história na educação de Virginópolis!”

Em 24 de fevereiro de 2022, a Escola Estadual Nossa Senhora do Patrocínio comemorou seus 111 anos. Fundada 13 anos antes de Virginópolis ser elevada a município, tornou-se a mais antiga da cidade⁴².

A instituição de ensino foi criada pelo Decreto nº 2.946 de 05 de setembro de 1910 e instalada como “Grupo Nossa Senhora do Patrocínio” em 24 de fevereiro de 1911. Pelo fato de existir na cidade desde a sua fundação, configurou-se como o pilar da educação para os virginopolitanos, possibilitando diversas oportunidades e transformando a vida dos habitantes locais.

Iniciou suas atividades no lugar onde hoje se localiza o fórum de Virginópolis. Em 1972, migrou-se para uma nova localização dentro da cidade, na qual, até os dias atuais, permanece.

Com efeito, pelo Decreto nº 1.6244 de 08 de maio de 1974, passou a denominar-se Escola Estadual Nossa Senhora do Patrocínio.



Imagem 80: Escola Estadual Nossa do Patrocínio (2022)
Foto: Luís Fernando

⁴⁰ Licenciando em Matemática. IFMG Campus São João Evangelista. Email: denisoliveiraa2004@gmail.com

⁴¹ Licencianda em Matemática. IFMG Campus São João Evangelista. Email: anacristinaalves165@gmail.com

⁴² MINAS GERAIS. SRE Guanhães. Disponível em: <https://sreguanhaes.educacao.mg.gov.br/index.php/banco-de-noticias/9-noticias/453-ee-nossa-senhora-do-patrocinio-comemora-os-111-anos-de-criacao>.



Imagem 81: Fachada da Escola (2022)
Foto: Acervo da Instituição de Ensino⁴³

Imagem 82: Pátio da Escola (2022)
Foto: Luís Fernando

O brasão da E. E. Nossa Senhora do Patrocínio foi uma obra realizada há cerca de 20 anos por uma ex-aluna da instituição de ensino, Rita Pinheiro. Ela explica, orgulhosamente, que a opção de triângulos para conter os nomes da escola e do município faz referência ao Estado de Minas Gerais. A cor amarela representa a riqueza de ensino e as demais cores referem-se à padroeira da cidade. Ademais, observa-se um caderno ao centro do brasão com uma caneta de pena, evidenciando a função de estudante e o lema da instituição de ensino junto à data de criação da escola.

O nome “Nossa Senhora do Patrocínio”, atribuído à escola, foi escolhido em homenagem a um dos títulos de devoção a Maria, mãe de Jesus. Além disso, seu lema consiste em “Educar para a Vida”, reforçando o compromisso e o empenho que a instituição possui para com a educação de seus alunos. A escola funciona durante os três turnos, atendendo os anos finais do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) Regular, Ensino Médio em tempo integral e a modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA no período noturno.



Imagem 83: Brasão da E. E. Nossa Senhora do Patrocínio Foto: Acervo da Instituição de Ensino⁴³

⁴³ FACEBOOK. Nossa Senhora do Patrocínio. <https://www.facebook.com/eenspvgp>;
https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid02Hzp7gYb8iT7oqjSS871D2fpP36GFuMpYUp2m4xAgi17Leo3MCLLG5TK3wKPxxozl&id=674380069328271

Imagem 84: Ivon Igor (2022)
Fonte: Acervo de Ivon Igor



Ivon Igor Generoso

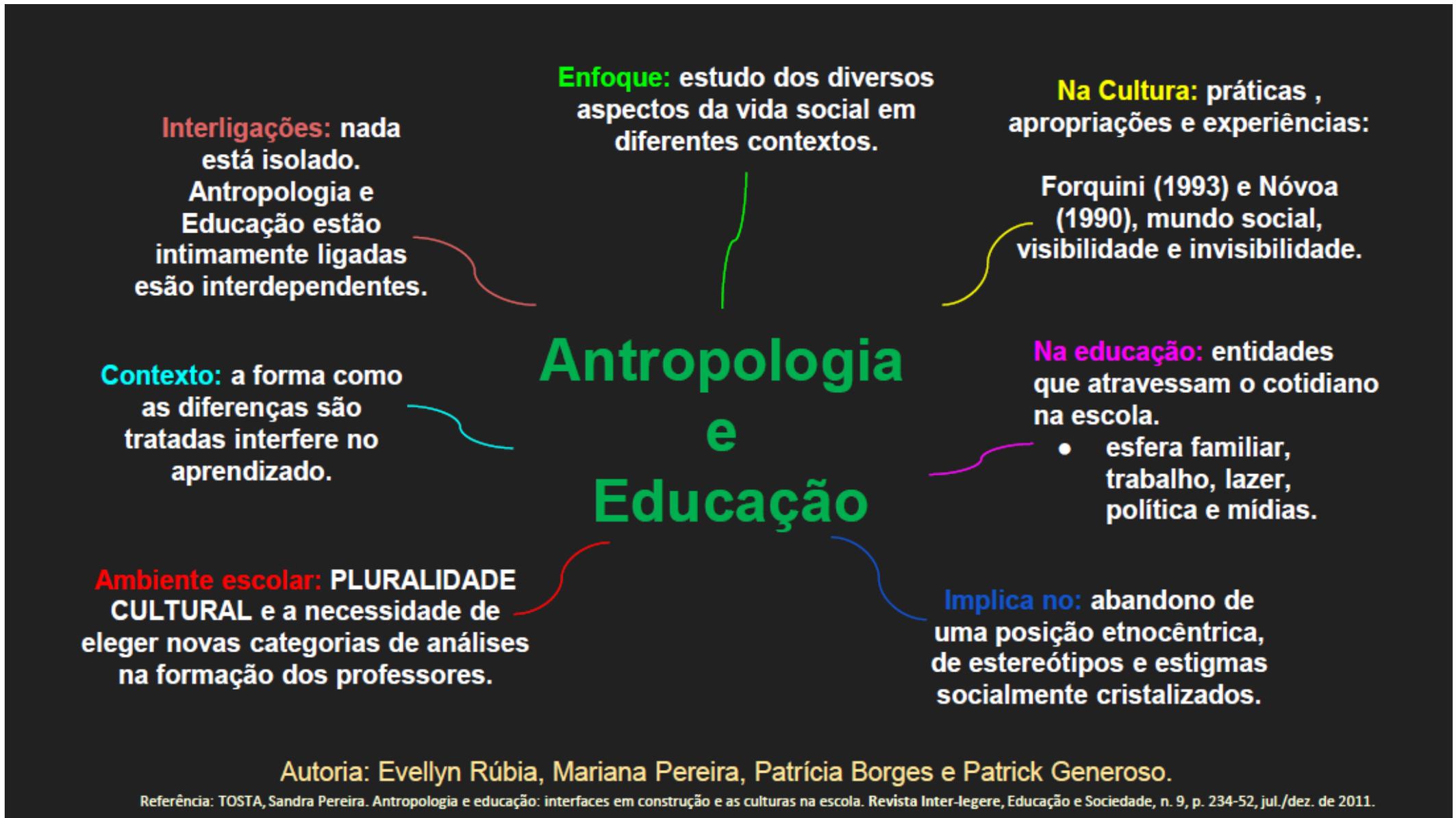
18 anos

Estudante do 3º ano do Ensino Médio Integral da E. E. Nossa Senhora do Patrocínio e Digital Influencer de Virginópolis.

Ivon Colucci, como designado nas mídias digitais, sempre sonhou em tornar-se conhecido nas redes. Como marco inicial desse sonho, criou um blog pessoal na plataforma Instagram para entreter a população virginopolitana e propagar seus trabalhos. O digital influencer divulga diariamente sua rotina com bastante humor e diversão, contribuindo até mesmo com a educação da cidade, uma vez que ele sempre informa e interage com seus seguidores a respeito de possíveis eventos da sua escola. Além disso, acredita fortemente em suas ideologias, dando bastante visibilidade às suas pautas sociais e políticas, como o Movimento LGBTQIA+ e o Feminismo.

“Eu me chamo Ivon Igor, nasci e cresci em Virginópolis e tenho 18 anos. Durante o meu Ensino Fundamental II, estudei na Escola Estadual Professor Francisco Dias e, no ano de 2019, iniciei meus estudos na Escola Estadual Nossa Senhora do Patrocínio. Estou no 3º ano do Ensino Médio e me dedico a essa escola em tempo integral. É muito gratificante a boa experiência que estou tendo com essa escola, pois além de possuir um corpo docente comprometido com a nossa educação, ela também é formada por profissionais muito humildes e empáticos. Quando iniciou a pandemia do coronavírus, tivemos que retomar os estudos de forma on-line e, mesmo diante de tudo que estava acontecendo, tenho orgulho de dizer que o corpo docente da escola não mediu esforços para que continuássemos tendo uma educação de qualidade”
(Ivon Igor Generoso).

Considerações Finais



Índice Remissivo

AÁgua(s): p. 12, 13, 24 e 28

Almeida: p. 04, 05, 06 e 25

Aluno(a): p. 15, 16, 18, 21, 22, 23 e 34

Amaral: p. 19, 20 e 21

Aprendizado(gem): p. 15 e 23

BBandeirantes: p. 09

Biblioteca: p. 10, 11 e 13

Biscoito(s): p. 06 e 07

CCachaça: p. 3, 4, 5 e 15

Cachoeira: p. 09, 28 e 29

Cantagalo: p.03

Cardoso: p. 07 e 08

Carmo: p. 25, 26 e 27

Coelho: p. 25 e 31

Coloração: p.04

Comercinho: p.21

Correntinho: p. 06 e 08

Cultura: p. 14, 15, 23, 27, 31 e 32

Educação: p.13, 16, 17, 22, 33 a 35

Ensino(ar): p. 22, 23, 33, 34, 35

Envelhecimento: p. 04

Escola: p. 10, 14, 16, 17, 22, 23, 33 e 34

Esculturas: p.32

Fauna: p.13

Feira internacional: p. 30

Festa: p. 09, 10, 25

Forno: p.07

Geração(ões): p. 03, 06, 17 e 19

Indios Botocudos: p. 27

Influencer: p. 35

Leitura: p. 09, 10, 11 e 23

Livro(s): p. 10, 11, 18, 25, 26

Mariniello: p. 31, 32 e 33.

Materlândia: p. 19

Minas Gerais: p. 09, 10, 11, 14, 21, 30, 33 e 34

Moagem/Moinho: p. 04, 15, 28 e 29

Oliveira: p. 13, 16, 19, 28 e 34

Pão de queijo: p. 06 e 08

Parque: p. 12 e 14

Patrimônio: p. 12, 13 e 21

Paulistas: p. 9, 10 e 11

Peçanha: p. 12, 13 e 14

Pedras/Pedrista: p.28, 30, 31 e 32

Premiação: p. 5 e 10

Preservação: p. 12 e 23

Qualidade: p. 5, 23, 35

Queiroga: p. 19

Quitanda: p. 6, 7 e 8

Rapadura: p. 15 e 17

Rio Doce: p. 9, 21 e 27

Sabinópolis: p. 15

Sabor: p. 03, 04, 05 e 06

São João Evangelista: p. 08, 11, 18, 19, 20 e 21

São José do Jacuri: p. 24 e 25

São Pedro do Suaçuí: p. 8, 27 e 28

Silva: p. 16, 23 e 24

Souza: p. 19, 28, 30 e 31

Teófilo Otoni: p. 30 e 31

Tradição/Tradicional: p. 03, 05 e 25

Tropeiros: p. 09 e 14

Virginópolis: p. 33 e 35



**INSTITUTO
FEDERAL**

Minas Gerais

Campus
São João
Evangelista